



FRANCISCO SUÁREZ E A SUBSTÂNCIA¹

JOSÉ EDELBERTO ARAÚJO DE OLIVEIRA²

RESUMO: Este artigo, embora em caráter introdutório, expõe elementos da fundamentação do conceito de substância contida no desenvolvido do pensamento de Suárez, ilustrando a posição metafísica suarista sobre como uma coisa é distinta de outra. A partir desse ponto inicial, a maneira de elucidar investiga a primeira e a segunda substância, a substância completa e a incompleta, a substância perfeita e a imperfeita para concluir na direção das indistincões reais entre as coisas extra mentais.

PALAVRAS-CHAVE: Disputationes Metaphysicae. Metafísica. Modernidade.

ABSTRACT: The article investigates the theory of the principle of individuation formulated by John Duns Scotus, which provides elements for understanding what makes something individual and differentiates it from others. For Duns Scotus, the individual is ontologically constituted by something positive inherent to the singular substance. Even if accidents accompany the substance, these may not be the cause of their individuation, as they are subsequent to it. Duns Scotus denies that something that accompanies or is posterior to the individual is its cause, because this must be intrinsic and positive to the individual. That is, it is not possible that what makes something *this* individual is ontologically posterior in the being. The article seeks to show that 1) there is distinction between what, contemporaneously, we can call individual and identity and 2) there is an ontological anteriority of the individual in relation to the identity.

KEYWORDS: Disputationes Metaphysicae. Metaphysical. Modernity.

Este trabalho – de caráter introdutório – explora um conjunto teórico de Suárez sobre a noção de substância. Serão apresentados (i) a ciência metafísica dual suarista; (ii) a cognição como um processo de dois estágios; (iii) a distinção entre os âmbitos físicos e conceituais, a partir de espécies naturais estabilizadas; (iv) o conhecimento convergente e vinculante; (v) as abstrações mentais que apontam para as coisas; (vi) a multiplicidade e a indiferença como evidências do contraste entre as abstrações e os objetos do mundo e, finalmente, (vii) a indeterminada distinção real.

¹ Em 2013, o n. 28 da revista Ideação publicou *Hobbes e a distinção real* que integrava a pesquisa de doutoramento do autor. O presente artigo apresenta as reflexões remanescentes daquele momento sobre tema.

² Professor da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: jose.edelberto@uemg.br.

No Prefácio da edição de 1597 de *INDEX LOCUPLETISSIMUS IN METHAPHYSICAM ARISTOTELIS*,³ Suárez divide a metafísica em duas repartições: (i) a primeira comporta uma ciência geral do ser na acepção do ser na medida em que está a ser e (ii) a segunda, o estudo dos seres no sentido das substâncias⁴ e dos acidentes contidos neste conceito sob a égide da relação entre Deus e as criaturas. Sobre a relação que estreita esta divisão, ele esclarece:

[...] na realidade, a mesma coisa que tem sido representada [compreendida], na sua maior parte – assim como todas as demais coisas tendem – dependem das disposições do indivíduo.⁵ (SUÁREZ, 2004)

As circunstâncias de igual separação assentam-se na impossibilidade de tratar os objetos da ciência e a adequação dos seus conceitos (com suas propriedades e causas) desmembrados da relação que os une. Por conta disto, a cognição⁶ é um processo de dois estágios porque opera com (i) a realidade daquilo que é captado pelo aparelho sensorial e com (ii) a realidade ocultada sob o dado sensível.⁷

Há uma grande diferença entre o sentido e o intelecto [*intellectus*] porque o sentido cessa quando da cognição dos acidentes externos. No entanto, o intelecto não cessa, mas avança da cognição dos acidentes para a contemplação daquelas realidades ocultadas sob os acidentes, de modo a ser o intelecto uma espécie de “dentro, aquele que lê”.⁸ (SUÁREZ, 1982)

³ Na Introdução que faz para a edição americana de *INDEX LOCUPLETISSIMUS IN METHAPHYSICAM ARISTOTELIS*, Doyle, além de apresentar a estrutura desta obra, declara: “Qualquer um que queira aprender a História da Filosofia Medieval e, sobretudo, a história do aristotelismo da tradição da Idade Média, Suárez será o melhor professor.” (DOYLE, 2004).

⁴ Sobre o entendimento de Suárez para substância, Brieskorn esclarece: “Com o conceito de substância, Suárez divide o mundo, antes de tudo, em ‘substâncias’ e ‘não-substâncias’. Esta última ‘multidão’ contém também os acidentes; contudo, há também outras subdivisões. Com a ideia de substância unem-se questões da autonomia, da auto-organização, como também da autorresponsabilidade do ente, bem como da pergunta por aquilo que é dependente desse ente [...]. Suárez é um pensador da diferença, partindo de unidades pressupostas, as quais, contudo, por sua parte, são conhecidas primeiramente através das diferenças.” BRIESKORN, *Pensar a substância em Francisco Suárez – a respeito da Disputatio Metaphysica XXXIII*, 2009.

⁵ “[...] *tamen in re maxima ex parte pendere a conditionibus individui, quae magis sub experientiam idem significatum est, et eodem omnia tendunt, nimirum ut intelligatur actionem quam sub artem cadunt, et ideo artem sine experientia expositam esse errori et fortunae, ut superius dictum est.*” SUÁREZ, 2004.

⁶ Para Grau i Arau, em Suárez, quando o homem apreende as coisas, ele não para na mera aparência exterior, segue para investigar o que está na essência de cada acidente. Assim, os atos da cognição são os pensamentos e o ser objetivo (havendo certa afinidade entre a cognição em si e o conceito do ser). cf. GRAU i ARAU, *La función del entendimiento agente en la epistemología de Francisco Suárez (1548-1617)*, 2002.

⁷ Para Courtine: “Aqui, positividade e realidade são uma, mas a realidade, como a determinação imanente da própria coisa, por sua vez, define-se negativamente: a não-contradição é suficiente. O ser real é conhecido a partir do nada [*nihil extra*], em camadas ou mais provavelmente para ser colocado a partir do nada, mas nada é um absurdo [*Unding*], o impensável, como tal sempre pensável e inteligível em sua própria ininteligibilidade do não-algo [*non-aliquid*].” COURTINE, *Suarez et le système de la métaphysique*, p. 263.

⁸ “*Est differentia magna inter sensum et intellectum quod sensus in externorum accidentium sensibilibus cognitione sistit, intellectus vero non sic, sed ex accidentium cognitione ad contemplanda ea quae sub accidentibus latent ingreditur, et ideo intellectus dictus est quasi ‘intus legens’.*” SUÁREZ, *COMENTARIA UNA CUM*

A *differentia magna* entre as circunstâncias que abrangem o sensorial e o intelectual⁹ comporta também as dimensões internas e externas ao corpo do homem. Nesta conjuntura, o processo cognitivo em estágio duplo separa as disposições das categorias do mundo físico e do puramente conceitual (na direção de uma realidade em que a extensão e o pensamento não devem ser confundidos).¹⁰

Para Suarez, as dimensões internas e externas da ciência metafísica – com a distinção entre os âmbitos físico e conceitual – organizam-se a partir de espécies naturais estabilizadas numa totalidade independente daquilo que configura as demandas cognitivas que, por sua vez, biunivocamente, indigitam para o exterior do homem (em contraste com o próprio mundo das espécies naturais). Desta maneira, a ciência fornece um tipo de conhecimento convergente e vinculante com aquilo que está fora do corpo humano.

Suárez adverte que este tipo de conhecimento científico, em grau elevado, é o conhecimento dos seres reais:¹¹ “Antes de olharmos para a natureza essencial e para os tipos distintos de quantidade contínua, devemos fazê-lo para um ser verdadeiro e real.”¹² Sustenta que o contraste entre aquilo que se conhece e os objetos do mundo instala-se dentro do mesmo campo porque as abstrações mentais em si apontam para as coisas.¹³

Pelo menos dois são os elementos presentes na evidência do contraste entre as abstrações e os objetos do mundo, a multiplicidade e a indiferença:

QUAESTIONIBUS IN LIBROS ARISTOTELIS “DE ANIMA”, Tomo III, DISPUTATIO NONA, QUAESTIO 4.1.

⁹ Para South, com esta diferenciação Suárez apenas esclarece a passagem de Tomás de Aquino (*Summa Theologiae* I, q. 57, a. 1 ad 2) sobre a noção de um sentido interno mediador entre as sensações dos acidentes e o conhecimento intelectual das essências. Ver: SOUTH, *Francisco Suárez on Imagination*, 2001.

¹⁰ Fitzpatrick e Haldane comentam esta discriminação como própria da pena de Suárez, já que não é encontrada em Tomás de Aquino: “No contexto da conceitualização, ambos [Caetano e Suárez] separam as ordens do ‘material’ e do ‘espiritual’ de um modo que Tomás não faz. Estamos movendo-nos em direção a um mundo em que a extensão e o pensamento devem ser separados [...]. A distinção essencialmente aristotélica entre matéria e forma parecia (como outras coisas naquela tradição) mais persuasiva quando aplicada ao que era vivo. Ali, a unidade e continuidade do objeto ao longo do tempo podiam ser facilmente distinguidas de sua composição física, que variava conforme a passagem do tempo.” (FITZPATRICK; HALDANE, 2003).

¹¹ Para Raposo, em Suárez “O ser não é somente *ser*, mas também *ente real* e essas noções não são mais do que uma preparação para as aplicar a todos os *entes* reais e concretos – encontra-se aqui a grande divisão entre ser infinito (Deus criador) e entes finitos (criados, criaturas). Não se trata de definir conceitos gerais, mas sim de realidades concretas, de seres reais, entre os quais existem relações extrínsecas do motor imóvel, como em Aristóteles, mas também intrínsecas e essenciais.” RAPOSO, *Francisco Suárez, último medieval, primeiro moderno: a ideia exemplar*, 2010.

¹² “*Antequam essentialem rationem quantitatis continuae, et distinctionem specierum eius inquiramus, oportet supponere eam esse veram et realem entitatem, quod non possumus commodius declarare, quam explicando distinctionem eius ab aliis rebus, quod in hac sectione intendimus.*” SUÁREZ, *Disputatio XL*, Sectio II, 1.

¹³ Fraile comenta que Suárez empreende um esforço no sentido da construção de uma filosofia realista porque fundamenta suas reflexões nos seres reais no lugar dos conceitos apenas mutuamente relacionados. cf. FRAILE, *Historia de la filosofía española*, 1972.

A partir deste ponto farei um segundo argumento: se a quantidade é uma coisa distinta da substância, então, Deus poderia separar e conservar a substância material sem esta quantidade. Todavia, uma substância de forma conservada estaria quantificada. Assim, é impossível para a quantidade ser uma coisa distinta de tal substância.¹⁴ (SUÁREZ, 1982)

Suárez explora a possibilidade de compreensão cognitiva partindo dos objetos individuais¹⁵ externos ao homem enquanto múltiplos, na medida das suas partes constitutivas poderem ser expressas como distintas umas das outras. Esta opção carrega duas consequências imediatas: (i) a realidade dizível condiciona-se no mesmo âmbito externo dos objetos extrametais e (ii) compreendidas em uma relação, as noções específicas de substância¹⁶ e quantidade¹⁷ se enfraquecem porque permanecem mútuas em si. (SUÁREZ, 1982)

Além do elemento da multiplicidade presente no contraste entre o mundo físico e o das abstrações mentais, há o elemento da indiferença.¹⁸ Corpos sem afinidade entre si ou sem tendência para juntar-se com outros são ditos indiferentes, assim, a compreensão cognitiva que parte dos objetos individuais externos não teria como reconhecer nestes últimos aquilo que é próprio de cada um. Para ser conhecida, a realidade ocultada pelos acidentes – empregando-se uma expressão do próprio Suárez – não exige aprioristicamente um dado estritamente mental.

¹⁴ “Unde argumentor secundo, nam si quantitas est res distincta a substantia, ergo poterit Deus eas separare, et substantiam materialem sine illa quantitate conservare; sed substantia sic conservata esset quanta; ergo impossibile est quantitatem esse rem distinctam a tali substantia.” SUÁREZ, *Disputatio XL*, Sectio II, 4.

¹⁵ Spruit assegura que tanto Francisco Toletus (outro jesuíta quinhentista) como Suárez desenvolveram o tema da compreensão cognitiva imediata das entidades singulares. Ambos trabalharam com as abstrações no sentido do materialmente existente nas coisas particulares e deixaram de lado a questão das suas existências concretas. Para Suárez, especificamente, o ato cognitivo não se ajusta perfeitamente com a produção ou recepção das espécies inteligíveis. Ele não discutiu a relação destas com aquele porque buscou indicar a sua função das espécies inteligíveis no processo de conhecimento. De qualquer sorte, definitivamente, as espécies inteligíveis, vistas como imagens desmaterializadas dos objetos a serem conhecidos, não integram o pensamento suarista. cf. SPRUIT, *Species intelligibilis: from perception to knowledge*, 1995, p. 295,297 e 299.

¹⁶ Neste caso, a noção de substância envolve o elemento que persiste no tempo e que suporta os acidentes. cf. SUÁREZ, Sectio I, 1 e 25.

¹⁷ Quando divide em nove classes os acidentes, Suárez inclui a quantidade entre eles: “Ut, verbi gratia, dividi posset accidens in absolutum et respectivum, et absolutum rursus in quantitatem et qualitatem, et respectivum in respectivum secundum esse seu praedicamentale, quod proprie dicitur ad aliud, et respectivum secundum dici seu transcendentale, quod potest ulterius dividi in alia sex genera. Rursus posset dividi accidens in spirituale et materiale.” SUÁREZ, *Disputatio XXXIX*, Sectio I, 4.

¹⁸ O realismo moderado estende-se por uma gnosiologia, sem dano para a sua dimensão metafísica. O modo de conhecer é a ocupação da primeira e as questões sobre o modo de ser do real envolvem a segunda. Sobre o realismo moderado, Fraile e Urdánóz comentam: “Os indivíduos são reais e são distinguidos uns dos outros, não só pelos seus acidentes, mas também por suas essências (*essentialiter*). Cada um tem sua própria essência, diferente de todos os outros. Que é clara e correta.” FRAILE; URDÁNÓZ, *Historia de la filosofía: el judaísmo y la filosofía, el cristianismo y la filosofía, el Islam y la filosofía*, 1966.

Os elementos da multiplicidade e da indiferença, dentro do contexto acima, pouco respondem à questão sobre aquilo que são as coisas do mundo exterior e, mais intensamente, concentram-se nas condições que tornam possíveis os processos cognitivos.

O principal resultado do que foi dito anteriormente sobre as distinções é que nenhuma dependência essencial pode ser imaginada entre duas coisas tais sem que a outra não possa ser conservada, porque se Deus conserva um acidente realmente distinto sem uma substância, em seguida, muito mais poderia ele conservar uma substância sem qualquer acidente realmente distinto.¹⁹ (SUÁREZ, 1982)

Desta maneira, a argumentação negativa²⁰ da sua exposição delimita os objetos individuais externos como o princípio para a compreensão cognitiva de um modo de existir.²¹

Há um composto material de uma única entidade simples no que diz respeito à sua composição essencial, realmente distinta de toda a substância e para aquelas qualidades que têm a sua própria realidade (o que eu digo em conta da forma, que é apenas um modo da quantidade). É esta entidade que dá origem formal à massa corporal, por conta dos corpos que ocupam um lugar extenso e são naturalmente impenetráveis por outros[...]. É por meio desta que eles têm extensão e somente por causa desta que eles são incompatíveis com qualquer outra coisa corpórea no mesmo espaço.²² (SUÁREZ, 1982).

¹⁹ “*Maiores vero patet ex dictis supra de distinctionibus in communi, et quia nulla potest fingi essentialis dependentia inter illas duas res, ut non possit una sine alia conservari, et quia si Deus conservat accidens realiter distinctum sine substantia, multo magis poterit conservare substantiam sine quolibet accidente realiter distincto.*” SUÁREZ, *Disputatio XL*, Sectio II, 4.

²⁰ Obviamente, no sentido de uma demonstração silogística com premissas negativas, é uma argumentação vulnerável a inúmeras críticas. Todavia, este tipo de exercício do raciocínio não é estranho. Discutindo sobre a contribuição de Boécio para o entendimento daquilo que a historiografia consagra como a transição da Antiguidade para a Idade Média, Marenbon chama a atenção para trabalhos deste autor em Lógica com termos negativos, proposições compostas e silogismos hipotéticos: “Boécio segue Aristóteles de perto, acrescentando alguns desenvolvimentos pós-aristotélicos relativos aos termos negativos. Nos outros dois tratados [*On Categorical Syllogisms* e *Introduction to Categorical Syllogisms*], introduziu novas áreas não aristotélicas da Lógica. Um silogismo hipotético é um silogismo onde um ou ambas as premissas são declarações moleculares: declarações que consistem de mais de uma instrução simples unidas por um conectivo. Estas não são apenas condicionais (como a palavra 'hipotético' pode sugerir) mas também conjunções e disjunções.” MARENBNON, *Boethius: from antiquity to the Middle Ages*, 2004, p.14.

²¹ Em Suárez: “[...] não precisa de outro princípio de individuação além de sua entidade ou para além dos princípios intrínsecos que constituem a sua entidade.” “[...] *neque alio indigere individuationis principio praeter suam entitatem, vel praeter principia intrinseca quibus ejus entitas constat.*” SUÁREZ, *Disputatio V*, Sectio VI.

²² “*Est ergo in materiali composito una entitas simplex quantum ad essentialem compositionem, et realiter distincta a tota substantia et a qualitatibus propriam realitatem habentibus (quod dico propter figuram, quae solum est modus quantitatis), a qua entitate provenit formaliter haec moles corporea, ratione cuius corpora occupant loca extensa et inter se sunt naturaliter impenetrabilia, et cum hac entitate possunt penetrari (ut sic dicam) aliae res quae propriam quantitatem non habent, et quae possunt vel esse subiectum talis entitatis, ut materia, vel esse simul in eodem subiecto cum illa entitate ut in subiecto proximo, ut qualitates materiales; et ideo haec omnia inter se simul sunt, quia cum eadem quantitate aliquo modo coniunguntur, et mediante illa extensionem habent et solum ratione illius habent repugnantiam cum quacumque alia re corporea in eodem spatio.*” SUÁREZ, *Disputatio XL*, Sectio II, 19.

Na citação manifesta, Suárez parece relacionar sua explicação com fatores disponíveis teoricamente (como o princípio da impenetrabilidade²³) e com uma propriedade de caráter mais amplo (a ocupação espacial na condição de um sistema de coordenadas). Na sequência, afirma: “Mas eu nego que uma coisa é quantificada pelo fato de precisar de suas partes estando em partes espaciais distintas.”²⁴ Assim, para além das antinomias insolúveis, a multiplicidade e a indiferença – enquanto elementos presentes na evidência do contraste entre as abstrações e os objetos do mundo – situam-se numa relação polarizada entre (i) aquilo que existe desconectado de qualquer outra coisa e (ii) aquilo que é dependente. Não obstante as noções específicas de substância e quantidade se esmaçam, esta relação delinea uma unidade para princípios concebidos por uma tradição que, uma vez abordados na condição de uma unidade composta, por exemplo, revelam-se capazes de esvaziar o debate sobre a atualização da substância.

Uma vez traçado concisamente um rol de elementos conceituais suaristas (especificamente: a ciência metafísica de dois princípios, o processo cognitivo em estágios, os âmbitos físicos e conceituais, o conhecimento convergente e vinculante, o norte das abstrações mentais e as evidências multiplicidade e indiferença), por fim, chega-se ao ponto da irresoluta distinção real. O exame acontece no contexto da questão que envolve o conhecimento que é possível adquirir sobre o que se designa como realidade no interior da leitura da *Disputatio XXXIII*, denominada *DE SUBSTANTIA CREATA IN COMMUNI*. Em outras palavras, a questão entrevê dois desdobramentos. No primeiro deles, indaga-se pela existência das coisas, enquanto coisas, dentro da possibilidade de conservarem uma determinada individualidade. Tal conhecimento implica na diferenciação das singularidades de uma coisa para com as outras. Caso o ato de diferenciar não seja praticável, o conhecimento possível das coisas existentes é o conhecimento possível daquilo que pode existir?

O segundo desdobramento da questão que envolve o conhecimento que é possível adquirir consiste em instituir o que seja a individualidade das coisas. No entorno do ponto designado como a irresoluta distinção real, tanto a substância como os acidentes associam-se

²³ Para Grant, na tradição aristotélica que vai dos séculos 14 até 17, a existência de um espaço separado, estendido, vazio, sempre cheio, ocasionalmente preenchido ou mesmo permanentemente maciço, desprovido de corpo, foi quase sempre rejeitada: “Mas se a ideia de espaço vazio estendido fosse considerada ridícula por causa da ocupação simultânea de um mesmo lugar por dois 'corpos', também seria rejeitada porque era absolutamente supérflua [...]. Afinal, se a dimensão do corpo é um de seus atributos fundamentais – e atributo que ele retém onde quer que seja – por que supor que ele exige ainda outra dimensão vazia 'interna' a ser localizada?” GRANT, *The Principle of the Impenetrability of Bodies in the History of Concepts of Separate Space from the Middle Ages to the Seventeenth Century*, 1978.

²⁴ “Nego tamen rem esse quantam ex hoc praecise quod partes eius sint in distinctis spatiis partialibus, sed ex hoc quod necessario postulent ex se talem extensionem in spatio.” SUÁREZ, *Disputatio XL*, Sectio II, 20.

ao interesse pelo que torna límpido o conceito de cada indivíduo (até aqui nomeado como coisa).²⁵

Quando trata da esfera física, Suárez se refere aos corpos com uma natureza ontológica independente e diversa daquela do próprio conhecimento.²⁶ No interior da *Disputatio XXXIII*, tal referência aos corpos é dada em dois movimentos: (i) na primeira seção, a realidade exposta é a do prisma das substâncias possíveis e, (ii) na segunda seção, feitas as distinções entre os tipos de substância, questiona-se a possibilidade de dividi-las. Para aquilo que interessa a esta pesquisa, obviamente, a explanação gravitará em torno deste último.

A *Disputatio XXXIII* está inserida na segunda repartição que Suárez faz da metafísica, ou seja, o estudo dos seres no sentido das substâncias e dos acidentes contidos nestas. O texto inicia com um enfoque etimológico (*etymologia vocis explicatur*) que envolve a noção de substância em três elementos: aquilo que está na base como suporte fundamental dos acidentes (*substantia est quae proprie et principaliter substare dicitur*); uma entidade independente (*ens per se*) e aquilo que persiste no tempo (*et prout significat rem subsistentem*).²⁷ “[...] um é absoluto, ou seja, do ser em si e por si somente, que, em virtude da sua simplicidade, declara estar num sujeito através da negação [...]”.²⁸

Há uma relação mútua na conceituação: se a substância é absoluta, aquilo que é em si e por si somente, também é aquilo que o acidente qualifica como um ser dotado de especificidade suficientemente capaz de possuir essência, uma vez que o acidente é suportado. Em outras palavras, a substância – por conta da definição positiva e negativa (por exclusão) – envolve uma relação com sentidos opostos. A partir desta relação, Suarez adverte que o aparato sensorial reconhece os acidentes antes de supor que algo os suporta: “[...] decorrente dos acidentes da substância, estamos chegando a um conhecimento da substância por meio da relação que concebemos [...]”.²⁹ Por isto, descreve o cognoscível como dependente das disposições sensoriais dos indivíduos³⁰ e expõe a impossibilidade de tratar os objetos da ciência metafísica

²⁵ Para Gómez, Suárez examina o contexto de um outro desdobramento para a questão que envolve o conhecimento que é possível adquirir: o princípio que dá unidade à individualidade é material ou formal? A partir da leitura da *Disputatio V*, o conceito de acidente é caracterizado como possuidor de uma identidade própria e, portanto, de uma essência. cf. GÓMEZ, *Sobre el concepto de individuo en F. Suárez*, 1999.

²⁶ “A compreensão do que é na própria coisa [...]”. “[...] *physicum enim appellamus quidquid in re ipsa existit absque intellectus operatione*”. SUÁREZ, *Disputatio XXXIII*, Sectio I, 6.

²⁷ cf. SUÁREZ, *Disputatio XXXIII*, Sectio I, 1 e 25.

²⁸ “[...] una est absoluta, scilicet, essendi in se ac per se, quam nos, propter eius simplicitatem, per negationem essendi in subiecto declaramus [...]”. SUÁREZ, *Disputatio XXXIII*, Sectio I, 1.

²⁹ “[...] nos enim ex accidentibus pervenimus ad cognitionem substantiae et per habitudinem substandi eam primo concipimus [...]”. SUÁREZ, *Disputatio XXXIII*, Sectio I, 2.

³⁰ cf. SUÁREZ, *INDEX LOCUPLETISSIMUS IN METHAPHYSICAM ARISTOTELIS*, 2004.

desvinculados dos conceitos desta mesma ciência.³¹ Assim, o conhecimento parte do dado sensível porque o ser em si da substância não está acessível e o apreendido de imediato é o acidente. “Mas o outro é apreendido por nós através do caminho de uma propriedade que o acompanha metafisicamente devido à sua limitação e imperfeição [...]”³²

A relação mútua da conceituação da substância também condiciona o finito como elemento temporal – enquanto atualização dos aspectos sensíveis dos acidentes – com aquilo que persiste no tempo, como a autonomia³³ da substância. Este condicionamento sugere um domínio dos objetos externos ao corpo do homem no plano da faculdade cognitiva. Mesmo supondo que, na situação de tudo que é concreto (em oposição ao que é a essência de cada ser),³⁴ a substância é algo determinado,³⁵ há uma regência que articula a autonomia distinta desta em confronto com os acidentes de maneira mais fundamental. Do mesmo modo, embora os acidentes possam ser contingentes, aparecem ao lado da substância como inerentes.

Na primeira seção da *Disputatio XXXIII*, Suárez distingue as substâncias completas das substâncias incompletas e as substâncias perfeitas das substâncias imperfeitas. A partir da segunda seção, ele passa a tratar das substâncias primeiras e das substâncias segundas: “E a razão para a dificuldade é que a substância primeira nada mais é do que a substância individual; mas a substância segunda é a substância universal, abstraindo sua individuação [...]”³⁶ Ele questiona se esta divisão é real ou um produto da razão (*divisio sit rei vel rationis*).³⁷

No exemplo do texto, naquilo que está além do conceito de homem, Petrus é substância primeira e um homem é substância segunda porque não possuem nada em comum ([...] *nam Petrus et homo nihil habet commune praeter conceptum hominis* [...]).³⁸ Assim, o entendimento da autonomia da substância não descarta a predição de uma substância de outro: Petrus é homem. Segundo Suárez, para Aristóteles, a substância que suporta acidentes reais é ela mesma real com propriedades que são distinguidas realmente.³⁹

³¹ cf. SUÁREZ, COMENTARIA UNA CUM QUAESTIONIBUS IN LIBROS ARISTOTELIS “DE ANIMA”, Tomo III, DISPUTATIO NONA, QUAESTIO 4.1.

³² “*Altera vero metaphysice apprehenditur a nobis per modum proprietatis concomitantis omnem substantiam finitam ob suam limitationem et imperfectionem, ut in superiori disputatione tactum est.*” SUÁREZ, *Disputatio XXXIII*, Sectio I, 2.

³³ A autonomia no sentido de que uma esfera determinada da realidade (mesmo regida por leis distintas) possa também ser regida por leis distintas de outra esfera mais fundamental.

³⁴ Em seu exame etimológico, Suárez não trabalha com os termos “*ousia*”, “*hypóstasis*” e “*hypokeímenon*”.

³⁵ “[...] porque assim tomada no sentido concreto, pode significar uma coisa que subsiste [...]” “[...] *sic enim sumitur in vi concreti, et prout significat rem subsistentem* [...]” SUÁREZ, *Disputatio XXXIII*, Sectio I, 25.

³⁶ “*Et ratio difficultatis est quia substantia prima nihil aliud est quam substantia singularis; substantia vero secunda est substantia universalis, seu abstrahens ab individuatione* [...]” SUÁREZ, *Disputatio XXXIII*, Sectio II, 2.

³⁷ cf. SUÁREZ, *Disputatio XXXIII*, Sectio II, 3.

³⁸ SUÁREZ, *Disputatio XXXIII*, Sectio II, 2.

³⁹ “[...] ergo non per secundas intentiones, sed per ordinem ad reales proprietates substantia prima et secunda distinguuntur.” SUÁREZ, *Disputatio XXXIII*, Sectio II, 7.

Para aquilo que convém ao ponto da distinção real, ou seja, o afastamento de Suárez da via aristotélica e tomista⁴⁰ (quando da discussão sobre o conhecimento possível), a pena suarista não deixa dúvida: “[...] portanto, não pode ser uma divisão real [...]; não pode haver a divisão real, mas apenas uma razão.”⁴¹

Para concluir, sobre o afastamento de Suárez da tradição tomista com a negação da distinção real, é compreensível que alguma tradição de comentário a perceba como integrante da gênese que permitiu uma transição para a metafísica moderna. Para Forteza:

A não distinção real entre uma e outra [essência e existência] defendida por Suárez – se opondo à tese de Tomás de Aquino – tem sido, há séculos, a ponta de lança das disputas entre tomistas e suaristas, vendo nela o primeiro equívoco fatal de compreensão que conduziu para o essencialismo do ser e que, ao debilitar o vigor do esse metafísico tomista, estendeu a ponte para a metafísica moderna, começando com Descartes, que sempre levava em suas viagens um exemplar das *Disputationes*. (FORTEZA, 1998 p. 53).

Dialogando com Domingos de Sotto, Amônio Sacas, Tommaso de Vio Caetano e o próprio Aristóteles, entre outros, Suárez argumenta que a questão da não distinção real não envolve hierarquia (primeira substância e segunda substância), mas um enfileiramento (*recta linea*) para a categoria das substâncias.⁴²

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRIESKORN, Norbert. Pensar a substância em Francisco Suárez – a respeito da *Disputatio Metaphysica XXXIII, Veritas*, v. 54, n. 3, 2009, p. 128-141.

COURTINE, Jean-François. *Suarez et le système de la métaphysique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990. 560 p. (Épiméthée - Essais Philosophiques).

FORTEZA, B. La influencia de Francisco Suárez sobre Thomas Hobbes, *Convivium, Revista de Filosofia*, Segunda Série, n. 11, 1998, p. 40-79.

FRAILE, Guillermo. *Historia de la filosofía española*. Madri: La Editorial Católica, 1972. 439 p. (Biblioteca de Autores Cristianos).

FRAILE, Guillermo; URDÁNOZ, Teófilo. *Historia de la filosofía: el judaísmo y la filosofía, el cristianismo y la filosofía, el Islam y la filosofía*. v. 2. Madri: La Editorial Católica, 1966. 390 p. (Biblioteca de Autores Cristianos)

⁴⁰ Para Thonnard: “Suárez não concebe a potência pura senão como um simples possível; para ser real (toda realidade é um absoluto) deverá necessariamente possuir uma atualidade e um existência própria[...]. Não há distinção real entre a essência e a existência nas criaturas. [...] Suárez nega a distinção entre o acidente e o seu fundamento; para ele, toda relação é necessariamente uma perfeição, mas concebida como recaindo num outro.” THONNARD, *Précis d’histoire de la Philosophie*, 1937, p. 437-438.

⁴¹ “[...] non ergo potest divisio esse realis [...]; non ergo esse potest divisio rei, sed rationis tantum.” SUÁREZ, *Disputatio XXXIII, Sectio II, 3*.

⁴² cf. SUÁREZ, *Disputatio XXXIII, Sectio II, 5 6*.

FITZPATRICK, P. J.; HALDANE, John. Medieval philosophy in later thought. In: McGRADE, A. A. (Ed.). *The Cambridge Companion to Medieval Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 300-327.

GÓMEZ, Mariano Álvarez. Sobre el concepto de individuo en F. Suárez. In: CARDOSO, Adelino; MARTINS, António Manuel; SANTOS, Leonel Ribeiro (Coord.). *Francisco Suárez (1548-1617): tradição e modernidade*. Lisboa: Colibri, 1999. 310 p. p. 45-64.

GRANT, H. Geometry and Politics: Mathematics in the Thought of Thomas Hobbes, *Mathematics Magazine*, v. 63, n. 3, Jun. 1990, p. 151.

GRANT, E. The Principle of the Impenetrability of Bodies in the History of Concepts of Separate Space from the Middle Ages to the Seventeenth Century, *Isis*, v. 69, n. 4, 1978, p. 551-571.

GRAU i ARAU, Andrés. La función del entendimiento agente em la epistemología de Francisco Suárez (1548-1617). *Revista Española de Filosofía Medieval*, n.9, 2002, p. 185-203.

MARENBOON, John. Boethius: from antiquity to the Middle Ages, In: MARENBOON, John (Ed.). *Routledge history of philosophy: Medieval Philosophy*. London: Taylor & Francis e-Library, 2004. v. 3. 510 p. p.11-28.

RAPOSO, Eva Rodrigues Ferreira Guilherme. Francisco Suárez, último medieval, primeiro moderno: a ideia exemplar, *Cauriensa*, v. 5, 2010, p. 261-281.

SPRUIT, Leen. *Species intelligibilis: from perception to knowledge*. Volume Two. Leiden, New York, Köln: E.J. Brill, 1995. 590p.

SOUTH, James B. Francisco Suárez on Imagination, *Vivarium*, v. 39, n. 1, 2001, p.119-158.

THONNARD, F. J. *Précis d'histoire de la Philosophie*. Paris: Desclée & Cie, Éditeurs Pontificaux, 1937. 818 p.

SUAREZ, Francisci. *Opera omnia*, COMENTARIA UNA CUM QUAESTIONIBUS IN LIBROS ARISTOTELIS "DE ANIMA", Tomo III, DISPUTATIO NONA.

SUAREZ, Francisci. *Opera omnia*, Tomo XXV, Disputatio V.

SUÁREZ, Francisco. *A Commentary On Aristotle's Metaphysics or A Most Ample Index to the Methaphysics of Aristotle: INDEX LOCUPLETISSIMUS IN METHAPHYSICAM ARISTOTELIS*. Tradução de John P. Doyle. Milwaukee, Wisconsin: Marquette University Press, 2004.

SUÁREZ, Francisco. *Metaphysical Disputation V: Individual Unity and Its Principle*. Milwaukee, Wisconsin: Marquette University Press, 1982.

SUÁREZ, F. *Disputaciones Metafísicas*. Edição bilingue, 7v. Madrid: Gredos, 1960 (Biblioteca Hispánica de Filosofía).